

Disputa por mulheres divide o grupo em duas facções opostas

Por volta de 1840, os índios Botocudo migraram de seu território tradicional no Paraná e, separados em três grupos, ocuparam distintas regiões de Santa Catarina

Os Botocudo (é assim que o grupo indígena conhecido por xokleng prefere ser chamado) têm uma longa tradição oral, recolhida pelo antropólogo Alexandre Machado Namem em seu livro *Botocudo: Uma história de contacto*. De acordo com ele, no início do século XIX, os Botocudo se dividiam em dois grupos de perambulação, os Waikomang e os Kañre, cada qual chefiado por um cacique, Kuvé e Kitedn, respectivamente.

O grupo Waikomang tinha um número reduzido de mulheres, o que representava uma ameaça à sua sobrevivência. Kuvé foi, então, pedir ao chefe Kitedn algumas mulheres, já que os Kañre se davam ao luxo de praticarem a poligamia. Kitedn cedeu as mulheres aos Waikomang, mas não conseguiu conter os ressentimentos entre os homens de seu grupo. Os homens Kañre planejaram, então, atacar e exterminar os homens Waikomang. Porém, avisados antes do ataque, os Waikomang prepararam uma emboscada e acabaram matando todos (ou quase todos) os homens Kañre.

De acordo com censos realizados pelo norte-americano Jules Henry, entre 1914 e 1932, cerca de dois terços da população dos Botocudo teria falecido por epidemias

Segundo o etnólogo norte-americano Gregory Urban, professor da Universidade de Texas, em Austin, e autor de várias obras sobre os xokleng, por volta de 1840, os Waikomang migraram de seu território tradicional localizado no centro-leste do Paraná (que já estava sendo ameaçado pelas fronteiras de expansão da sociedade imperial brasileira) para Santa Catarina, incorporando ao seu grupo as mulheres e crianças dos Kañre.

Ainda segundo Urban, durante esse processo migratório para Santa Catarina, os Waikomang se dividiram em três facções por causa de disputas pela liderança na sucessão dos caciques: os Angyidn, os Ngrokothi-tô-prêy e os Rakrano. De acordo com Urban, a facção Ngrokothi-tô-prêy corresponde ao grupo que foi contactado em 1912, junto ao ribeirão do Tigre, nas proximidades de Porto União.

Já a facção Angyidn corresponde ao grupo dado como desaparecido (provavelmente todos mortos pelos bugreiros, como eram conhecidos os exterminadores de índios contratados pelos governos provincial e estadual) na

região da Serra do Tabuleiro e sobre o qual não se tem informações precisas desde os anos 20. E a facção Rakrano é o grupo que foi contactado no dia 22 de setembro de 1914, na foz do rio Plate, próximo a Ibirama, e que

foi confinado de 1926 a 1954 na área indígena de Ibirama, sob o jugo do polêmico funcionário do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), Eduardo de Lima e Silva Hoerhan.

Sedentarizados à força e transformados em reserva de mão-de-obra barata, os índios não conseguiram opor resistência às doenças transmitidas pelos brancos que entravam em contato com a área de Ibirama. De

acordo com os censos realizados pelo pesquisador norte-americano Jules Henry, entre 1914 e 1932, cerca de dois terços da população dos Botocudo teria falecido em decorrência de epidemias.



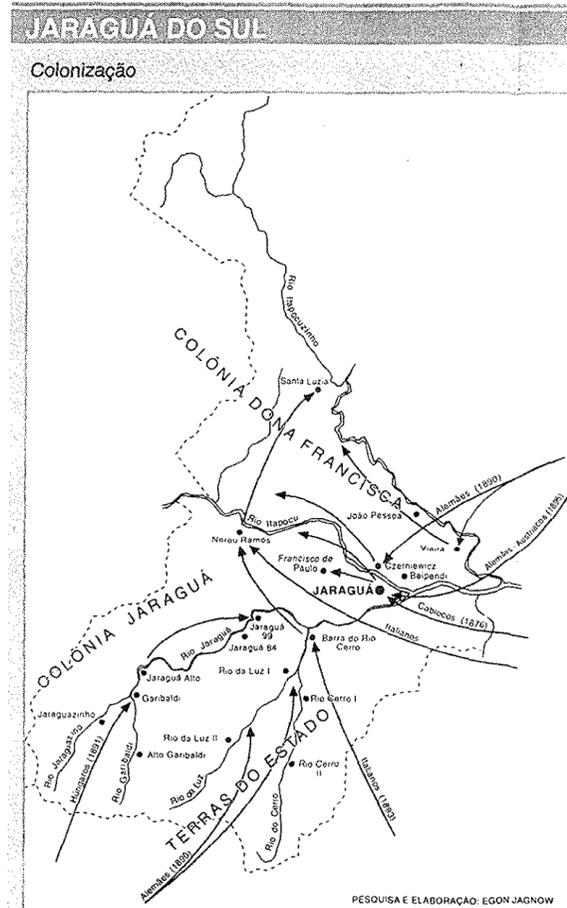
REPRODUÇÃO/DC

RETRATO: O cacique Câmrém, do grupo Botocudo Rakrano, contactado junto à foz do rio Plate, perto de Ibirama, em 1914, em pintura do alemão F. Becker



JARSSON ZANCO/REPRODUÇÃO/DC

NA MATA: Uma das primeiras casas de colonos fixados no Vale do Itapocu, cobertura de taipa (palmitos e palha guaricana)



PESQUISA E ELABORAÇÃO: EGON JAGNOW

MITCHEL/DC

As três iniciativas de colonização do Jaraguá

O belga Emilio Carlos Jourdan é tido como fundador de Jaraguá do Sul, com direito a busto na praça em frente à antiga prefeitura, por seu currículo de herói da Guerra do Paraguai e fama de aventureiro. Mas a efetiva colonização de Jaraguá do Sul pode ser dividida em três iniciativas: das terras pertencentes à Princesa Isabel, das terras que faziam parte da Colônia Dona Francisca e das terras pertencentes ao Estado. Segundo o pesquisador Egon Lotário Jagnow, chefe do Arquivo Municipal de Jaraguá do Sul, falar de um fundador ou colonizador e de uma data de fundação é um tanto quanto difícil. "É preferível falar em iniciativas de colonização, onde colonos de diversas origens, em diversas épocas, foram assentados nas diversas regiões do atual município de Jaraguá do Sul", explicou.

As terras que pertenciam à Princesa Isabel, recebidas como dote de seu casamento com o Conde D'Eu, foram medidas por Emilio Carlos Jourdan, engenheiro militar belga que lutou na Guerra do Paraguai. Após a medição, Jourdan arrendou 430 hectares, iniciando em 1876 uma plantação de cana-de-açúcar e a construção de um engenho, denominando o seu empreendimento de "Estabelecimento Jaraguá". Por diversas razões, o empreendimento não dá certo e Jourdan é obrigado a desistir, em 1888, retornando ao Rio de Janeiro. A região compreendida entre os rios Itapocu e Jaraguá fica abandonada até 1895, quando Jourdan retorna para lotear e colonizar 10 mil hectares de terras adquiridas do governo do Estado. Em 1900, com a colonização em andamento, ele vende a Colônia Jaraguá à empresa Pecher & Cia.

Por volta de 1890, a margem esquerda do Rio Itapocu estava sendo colonizada pela Colônia Dona Francisca. No mesmo período, colonos alemães foram se estabelecendo nas regiões do Rio da Luz e Rio do Cerro, nas terras do Estado, loteadas pelo Departamento de Terras e Colonização (órgão do governo estadual sediado em Blumenau). Também em terras do Estado, localizadas no Rio Garibaldi e Jaraguazinho, estabeleceram-se imigrantes procedentes da Hungria. E para Barra do Rio Cerro, vieram imigrantes italianos, a partir de 1893. A partir de 1897, começaram a ser trazidos imigrantes pela Sociedade Colonizadora Hanseática para o distrito de Itapocu, cuja sede se localizava em Hansa Humboldt, hoje o município de Corupá.